

A sabedoria do povo hebreu em oposição a *sophia* Grega. Uma análise do impacto da cultura Helênica sobre a cultura do povo hebreu.

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa¹

RESUMO:

A o modo de vida do povo hebreu é constituída mítica e religiosamente através de uma obediência aos seus escritos sagrados em especial nos chamados livros sapienciais. Acima de tudo é uma crença de que a sabedoria é dada e dependente de Deus. Já a sabedoria Helênica é uma sabedoria que se constitui através da independência humana. Assim as duas entram em oposição causando consequências até hoje. Esse trabalho pretende tecer algumas considerações sobre de como essas culturas se encontraram e quais as consequências para os povo envolvidos especialmente o hebreu.

Palavras chaves: antiguidade; povo hebreu; sabedoria; filosofia; helenismo.

ABSTRACT:

The wisdom of the Jewish people consists mythical and religiously through obedience to his sacred especially in so-called wisdom books written. Above all is a belief that the wisdom given is dependent upon God. Have the Hellenic wisdom is a wisdom that is through human independence. So the two go into opposition causing consequences today. This paper aims to present some considerations on how these cultures met and what the consequences for the people involved especially the Hebrew.

Keywords: antique, Hebrew people, wisdom, philosophy, Hellenism.

¹ Graduado em Ciências Sociais e filosofia pela UNESP; Mestre em filosofia pela UNESP; Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista; Doutorando em Ciências Sociais e filosofia pela UNESP; Professor substituto de Antropologia da UNESP -FAAC

Introdução:

O tema proposto neste artigo é demasiado difícil, isto porque os conceitos ou são difíceis ou são abertos, com margem a diversas interpretações. Em primeiro lugar teríamos que definir o que é sabedoria, coisa por demais trabalhosa a qual os filósofos não obtiveram sucesso total em conseguir. Não temos a pretensão de conseguir tal façanha. Depois teríamos que definir o que é sabedoria para o antigo testamento, coisa igualmente difícil e controversa já trabalhadas pelos filósofos e teólogos há milênios e que igualmente não há consenso.

Tentar-se vencer essa dificultosa tarefa, em primeiro tentando achar uma noção de sabedoria bíblica do antigo testamento, depois apontar-se-á sobre a sabedoria em surgimento da cultura helênica e qual o impacto dessa cultura sobre uma comunidade agropastoril e patriarcal como a caanita ou seus descendentes culturais, semitas, hebreus e israelenses.

O que é sabedoria?

A análise filosófica do que é sabedoria inicia nos princípios da fase antropológica grega com as ideias de Sócrates, donde se conclui que sabedoria seria uma prática para a vida, uma prática para agir sobre o mundo de modo comedido e virtuoso, e que a própria noção de virtude, nas ideias socráticas confunde-se com a noção de suma verdade. Ele acreditava que os erros são consequência da ignorância humana e que o contrario dessa seria a sabedoria (WOLFF, 2000), embora nunca proclamasse ser sábio. Porém essa ignorância não se confunde com a falta de erudição e sim de uma *Virtú* no trato com as pessoas e com o mundo.

Já para Platão, discípulo de Sócrates, a sabedoria era de certo modo apenas intelectual e pertencente ao mundo ideal e não no real, não era uma prática com o mundo e com as pessoas como para seu mestre, mas sim uma aspiração da *Anima* imortal a ser conseguida e apenas pelo filósofo, é no mundo das ideias, onde tudo era eternamente Bom, Belo e Verdadeiro (GUTHRIE, 1975. p. 13), que tal *Anima* aspira a libertar-se do corpo corruptível, no qual está aprisionada, e voltar para a contemplação ideal, portanto não era uma prática, mas algo a ser contemplado (PLATÃO, 2006).

Com Aristóteles as ideias de conhecimento e o que fazer com esse conhecimento passaram se confundir com a ideia de sabedoria, portanto a sabedoria era antes uma

atividade intelectual e lógica do que uma prática para a vida. Aristóteles pensa que virtude é encontrar uma justa medida entre o excesso e a falta das paixões. Agir corretamente é um treino constante de dosar corretamente as paixões. A sabedoria é uma contemplação adequada da maneira em que certos bens tais como a amizade, o prazer, a virtude, a honra e a riqueza se encaixam como um todo. Para aplicar esse entendimento geral para casos particulares, devemos adquirir, através de educação adequada e hábitos, a capacidade de ver, em cada ocasião, qual curso de ação é mais bem fundamentada (MCLEISH, 2000 p. 47). Portanto, a sabedoria prática, como ele a concebe, não pode ser adquirida apenas ao aprender regras gerais, também deve ser adquirida, através da prática e essas habilidades deliberativas, emocionais e sociais é que nos permitem colocar nossa compreensão geral de bem-estar em prática em formas que são adequados para cada ocasião. O problema Aristotélico é que a sabedoria só deveria vir com educação e treinamento e, portanto ser impossível uma sabedoria antes da contemplação.

A filosofia medieval cristã propõe que ser sábio, grosso modo é dominar as paixões e vontades e submetê-las a vontade de Deus (DILMAN, 1999. p. 108). Portanto é uma prática de domínio sobre si mesmo e submetê-la a vontade divina se assim desejar seu livre arbítrio. Sêneca (2012) já dizia que adversidade faz o sábio, portanto para ele a sabedoria era uma reação às adversidades da vida.

Com o advento da razão na modernidade a sabedoria e conhecimento racional se confundem, porém deixa de ser uma prática e passa a ter significado de erudição.

O que nos interessa aqui é que em algum momento a sabedoria foi vista pela filosofia, como uma prática sobre o mundo e não apenas como acúmulo de erudição, esse conceito de prática de bem viver é importante para as ideias que adiante serão desenvolvidas. Porém essa não é um trabalho sobre sabedoria na filosofia, e sim bíblica, porém esse brevíssimo exercício vai ser importante mais a frente no trabalho.

De como se relaciona a sabedoria e o conhecimento.

Sabedoria é diferente de conhecimento (PUTNAM, 1975), um velho chefe índio, sem saber ler pode ser considerado sábio, porém pobre em conhecimento científico, porém pleno de conhecimento natural enquanto um jovem em um segundo ano de graduação, de 19 anos de um bom curso de física pode ter muito conhecimento acumulado porém dificilmente será sábio (Idem). O conhecimento pode ser encarado

como o acúmulo de informação espalhado em uma época, cuja sociedade dessa época absorve como válido, ou seja, é o conjunto de saberes recepcionados por certa sociedade que a caracteriza como única desse modo constituindo sua cultura (COUCHE, 1999). A sua cultura é a como a sociedade se superestrutura através da materialização/expressão de seu acúmulo de valores adicionado a sua expressão material. É a materialização da sua sabedoria.

A cultura foi considerada durante muito tempo com a noção de acúmulo de conhecimento academicamente aceito como superior, ou seja, se alguém falasse várias línguas e soubesse sua genealogia, fosse iniciado em música e artes seria uma pessoa culta, preferencialmente se autoreferenciado como uma sociedade branca, européia (norte americana), colonizadora (EAGLETON, 2005). Após melhores e mais humanas análises o conceito de cultura muda para algo parecido conjunto da expressão de um povo, nesse caso o índio, o escravo africano, o miscigenado, o colonizado também eram portadores de cultura (HALL, 2000).

Porém ainda infelizmente a cultura é e foi na história das civilizações uma hegemonia de dominação (GOLDMANN, 1979), a cultura de determinado povo era considerada melhor do que a outra conforme fosse hegemônica na confluência dos povos, ou seja, que lhe impusesse valores conforme sua dominação. Alias comenta MIGUEZ, RIEGER e JUNG, (2012) que um império para se impor, é fundamental impor-se cultural e psicologicamente caso contrário não se subsiste.

A sabedoria acima de tudo é um conceito imposto por uma cultura que se tornou império. O que é considerado sábio ou não pode mudar de cultura para cultura, de sociedade para sociedade. Se manifesta nas pessoas pertencentes a esse locus – tempus como o melhor de que essa cultura tem a expor.

A cultura antiga

Filha da cultura rica da filosofia grega, a cultura helênica, se impôs após o império alexandrino. Felipe II da Macedônia fez de seu reino uma monarquia centralizada, cujo general militar e rei político (*hegemon*) era centrado numa só figura a saber ele mesmo. Com a morte de Felipe (336), seu filho Alexandre se impõe como *Hegemon*, dando início ao império cuja base foi a civilização grega com sua noção de sabedoria, (vale lembrar que Aristóteles foi professor de Alexandre) muito bem consolidada (AQUINO, FRANCO; LOPES, 1980). Essa cultura Helenica é o que conhecemos como início da civilização ocidental.

Essa hegemonia de cultura apesar de espalhada no mundo pela civilização grega, que depois é absorvida pela romana, (mas ainda baseada na grega), já é uma tradição meso-oriental que coaduna com a possibilidade de Sócrates e seus discípulos terem sido influenciados pelas ideias vigentes e trocadas no intenso comércio mediterrâneo grego (HERRICK, 1966). Na verdade, a noção de sabedoria grega, como filha do comércio e das cidades, é mais herdeira das civilizações mesopotâmicas e nilóticas do que autóctone grega surgiu lá no crescente fértil e foi recuperada nas conquistas alexandrinas (MICHULIN, 1960).

Bom lembrar que, em questão de domínio por guerra, a atribuição de cultura passa pelo domínio educacional e tecnológico, as tecnologias de guerras vencedoras impõem também uma cultura (AQUINO, FRANCO; LOPES, 1980) e, portanto valores que serão considerados como sábios. Morin conclui que entre sujeitos pensantes e seus estados de ser-no-mundo, a sociedade se estrutura a partir de uma cultura que é ao mesmo tempo organizadora e organizada a partir de um capital cognitivo que emerge das interações a partir de um saber coletivo acumulado em memória social (MORIN, 2002) e histórica que vem muda dos indivíduos já existentes e das novas configurações que tem ao ser confrontada com uma configuração nova imposta por guerra ou infiltrada através da história. A transformação na organização, produção, distribuição e aquisição do conhecimento é apenas um dos aspectos entre outros de uma transformação mais visceral que envolve processos cognitivos que se entrelaçam com aparatos de cultura, modelos comunicacionais, recursos tecnológicos e dispositivos de interação (idem).

Como nasce a sabedoria israelense.

O conceito de sabedoria israelense é fundamentado e não tão diferente do que será mais à frente considerado sabedoria bíblica religiosa, noção importante para esse trabalho. Toda sabedoria israelense, todas suas relações políticas, culturais e sociais perpassam ou deveriam passar pela religiosidade. Religião e relações sócio-econômico-culturais nas sociedades antigas como a Israelense não era separado de religião como na modernidade.

Vale lembrar, que o termo israelense provem de יִשְׂרָאֵל, do hebraico *Yisra'el*; que significa que reina com El ou na forma popular Deus, pois para a cultura de Israel o nome de Deus não deve ser pronunciado ou escrito levemente. São descendentes segundo o mito de Jacó que se divide das tribos de seus pais ou irmãos que eram povos

cananeus ou caanitas. O termo Israel ou israelense se denomina por um conjunto de povos que são unidos por uma crença de tradição de adoração ao Deus El, o Deus que no mito, fez um pacto com Abrão e que se insurge contra outras tribos cananeias se propondo um termo a parte. É o povo que embora acreditem serem descendentes de Abrão (GUNNEWEG, 2005 p. 76), que resolveu crer nesse Deus como único verdadeiro, um dos muitos que havia naquela região é um termo cultural-religioso que provavelmente delimita uma novidade dos povos da antiguidade, uma relação monoteísta de crença e espiritualidade.

A palavra Canaã (em hebraico: כנענים, ou *Kna'anim*) provém do ponto de vista mítico, **Canaã** seria a terra entregue por Deus ao seu povo, desde o chamado de Abrão (este depois chamado Abraão) o qual habitava em Ur dos Caldeus. É um termo de delimitação cultural espacial ou territorial. É uma crença que está descrito na bíblia e que havia um herói mítico de mesmo nome descrito em Gênesis, 10:15–19² e que determinado termo de terra descrito em Gênesis 15.18³ se transformando num termo territorial. Depois no reinado mítico de Davi, unifica Hebron(que são povos de mesma língua e crença) sob o único reinado de Israel (DONNER, 1997 p. 185). Hebron e Israel eram dois reinos diferentes que foram unificados transformando em algo parecido com o Israel moderno incluindo a palestina. Tal crença inclusive é usada para infelizmente justificar conflitos sangrentos até os dias de hoje⁴.

O termo Judeu (em hebraico: יהודי, Yehudi) é o conjunto das doze tribos que miticamente se referem as doze tribos dos filhos de Jacó que teve seu nome mudado para Israel, são remetidos à herança de seus doze filhos que geraram doze tribos descritas no final de Genesis, e em Números, capítulos 22 a 36. É um termo étnico de descendência de diversas tribos (doze?) que partilhavam heranças linguísticas e

² “Canaã gerou a Sidom, seu primogênito, e a Hete, ¹⁶ e aos jebuseus, aos amorreus, aos girgaseus, ¹⁷ aos heveus, aos arqueus, aos sineus, ¹⁸ aos arvadeus, aos zemareus e aos hamateus; e depois se espalharam as famílias dos cananeus. ¹⁹ e o limite dos cananeus foi desde sidom, indo para gerar, até gaza, indo para sodoma, gomorra, admá e zeboim, até lasa.”

³ "Naquele dia fez o Senhor aliança com Abraão, dizendo: à tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito (córrego Arish, não o rio Nilo) até o grande rio Eufrates."

⁴ Este artigo está sendo escrito na semana do dia 07/07/2014 até 11/07/2014 que ocorre um dos mais tristes massacres em guerras entre palestina e Israel, infelizmente a crença religiosos tem sido usada na história como justificativa para os piores massacres. Como o povo de Israel se auto acredita possuidor legítimo e cultural dessa terra, fazem guerras com os palestinos, um povo que não divide sua crença. Como não acreditam na religião judaica, os palestinos são massacrados pelos herdeiros da suposta terra prometida.

culturais comuns e que em certo momento foram unificados no suposto reinado de Saul⁵.

A sabedoria israelita nasce em contato com culturas antigas e antepassadas tais como os povos semíticos povo seminômade e multi-étnico⁶ que lhe daria origem (CAZELLES, 1986. p. 09), e perpassa por diversas transformações e influencias até ser positivada na compilação dos seus escritos sagrados.

A expressão do texto de leis e códigos morais⁷ conhecido como antigo Testamento é de certo modo, além de um código jurídico, um escrito teológico, e a expressão cultural de um povo bem como encerra seu entendimento e sabedoria. O Pentateuco inclusive, o Êxodo, foi tremendamente influenciado pela cultura babilônica (WELLHAUSEN, 2004), isso porque essa parte da bíblia (Pentateuco) cujo texto atual deste conjunto resultaria de uma história literária anterior, a que chamam "fontes" ou "documentos" (DOZEMAN, & SCHMID, 2006) ou “Tradições” (SKA, 2012). Todavia, ao longo da história, mesmo depois de sua composição literária, essas tradições receberam numerosas modificações (DA SILVA, 2007). Assim sendo, deve-se considerar alguns dos “escritores da Bíblia” mais como autores do que meros compiladores dessas tradições.

Isso porque esses autores, não eram meros copistas fechados em templos, mas sim sábios de Sião que tinham opinião própria sobre algum fato social ou teológico, deixaram traços de caráter complexo das tradições pré-literárias em sua obra (DE PURY, 2002). Por isso, alguns estudiosos falam em “escolas”, mais do que “documentos” e “escritores”; outros, como Roland de Vaux, preferem chamá-las simplesmente de “tradições” (DOZEMAN, T.; SCHMID, K. 2006), sem afirmar sua origem oral ou literária. Embora não haja consenso entre os estudiosos sobre os “documentos” ou as “tradições” que deram origem ao Pentateuco.

De qualquer modo, o Pentateuco não foi escrito de uma só vez nem é obra de um único escritor. Há tendências de que foi escrita algumas partes na fase familiar, outra na clânica outra pós exílica em suma em varias fases (GERSTENBERGER, 2012 p. 11). Foi escrito a partir de tradições orais e escritas que se foram juntando

⁵ Suposto porque ainda não há provas cabais na arqueologia que tenha existido os reis Saul e Davi, o que existe são registros que por volta do Sec. XI a.c houve um reinado (DONNER, 1997).

⁶ Segundo CAZELLES, (1986) muitas línguas compõem a família semítica, incluindo as seguintes: acadiano, ugarítico, fenício, hebraico, aramaico, árabe, etíope, egípcio, copta gala, afarsaho, as sírio e caldeu

⁷ Leis aqui entendidas como expressão de conduta social aparente.

progressivamente e formando unidades maiores ao longo da história. A junção de todo o material só se deu na época pós-exílica, altura em que se pode falar da redação final do Pentateuco. Certamente que o período à volta do Exílio influenciou a leitura de todo esse patrimônio histórico e religioso; mas, as tradições e outros materiais podem ser bastante antigos e manter, na sua forma final, os traços dessa antiguidade. Ocorre que esse código e expressão da sabedoria desse povo, mas essa sabedoria foi influenciada por outros povos.

Uma hipótese de surgimento da sabedoria hebraica.

Ocorre que há uma hipótese que tomaremos como correta. A hipótese de mudança social. Ora como era o povo de Israel antes do Exílio? Saídos escravizados do Egito, tradicionalmente era um povo agrário e de pastoreio, sem um grande costume de ler ou de escrever, no Antigo Egito, na época da escravidão descrita em êxodo, não era permitido aos escravos ler ou escrever (PFOH & WHITELAM, 2013, p. 139), porém toda sua tradição foi formada nessa época e era bem mais provável que seus costumes religiosos e legais fossem narrativas orais e escritas (DOZEMAN; SCHMID, 2006), isso porque na prática, um povo agrário não tem interesse em escritas e registros de modo organizado, não porque são ignorantes mas simplesmente suas prioridades são outras tais como a sobrevivência (MICHULIN, 1960. p.214).

Ao contrário, na Babilônia assim como todos os povos mesopotâmicos a educação era bem valorizada, isso porque era uma sociedade comercial e em expansão constante, que absorvia a cultura de cada povo conquistado (LEMAIRE, 2011 p. 106). A narrativa hebraica era de predominância oral, (MICHULIN, 1960) e que certo momento compila a sabedoria do povo babilônico e absorve em diversos aspectos⁸.

Provavelmente, o processo de formação dos cinco primeiros livros da Bíblia desenvolveu-se, nas suas linhas gerais, em vários períodos. No início estaria um núcleo narrativo histórico bastante restrito, da época de Salomão. Este núcleo é depois retomado e ampliado por volta dos finais do séc. VIII a.C., recolhendo tradições e fragmentos do reino do Norte e relendo tradições antigas numa nova perspectiva. No séc. VIII aparece o Deuterônomo primitivo, descoberto no tempo de Josias (622 a.C.) e incluindo essencialmente leis e um pequeno prólogo (MEDEIROS, 1991).

⁸ Embora já existisse coisas escritas, algumas delas eram os salmos realizados pela nobreza e com certeza o texto dos dez mandamentos que era guardado na arca da aliança (MICHULIN, op. Cit).

Houve uma grande produção pós exílio, isso porque a rica e comercial cultura babilônica, onde havia necessidade e cultura de escrita para melhor registro de comercio e conquista, influenciou os exilados hebreus que se encaixavam na sociedade embora mantivessem suas comunidades fechadas (LEMAIRE, 2011). Foi dessa época que os Hebreus herdaram seu tão famoso gosto e habilidade para o comercio (HERRICK, 1966). Se há algo que estimula a cultura é o comercio, a partir daí começa a desenvolver uma cultura de escrita também.

Embora o povo fosse literalmente escravo viveu assim meio século de cativo na Babilônia. Ou seja, produzindo cultura e registros escritos de sua religião até então predominantemente oral. Não podiam ter templo, nem culto, nem rei, nem sequer a possibilidade de oferecer os seus sacrifícios e de fazer as suas festas sagradas. A única coisa que lhes resta é a fé no seu Deus e as suas tradições. E estas vão ser meditadas e aprofundadas. Agora, paradoxalmente, vão rever a sua história para lhe descobrir o sentido profundo, aproveitando para refletir sobre os motivos por que lhes tinha acontecido tudo isso.

Mas, não obstante todas as dificuldades e apesar de estarem prisioneiros, eles vivem num ambiente relativamente evoluído, com grande produção técnica, e educacional e escrita (MICHULIN, 1960), vale lembrar que escrita naquela época era algo extremamente caro e difícil (JENKINS, 2001).

E, com efeito, entre os babilônios, descobrem preocupações que eles nem sequer tinham ainda amadurecido. É notório, por exemplo, o fato de haver pessoas que procuram dar resposta às perguntas mais profundas do ser humano: como, qual a origem das coisas, do mal e da religião, ou seja, um clima fértil para a filosofia (GHIRALDELLI JR, 2000). Em contacto com esse clima de pensamento e reflexão babilônico, nascem também núcleos de pensadores entre a comunidade judaica. E assim, em contacto com os opressores, por incrível que pareça, nasce uma corrente de renovação espiritual que, no caso, é expressa no livro e atribuída a um líder denominado Ezequiel (BLOCK, 1997).

A santidade como sabedoria do povo hebreu.

Em meio à cultura babilônica algo acontecia, a religião babilônica não só não se preocupava como estimulava práticas anti-patriarcais e familiares, tal como bebida alcoólica e sexo livre em adoração a certos deuses e deusas.

Representados pelos ideais escritos no livro de Ezequiel⁹, alguns sábios pensadores hebreus, preocupados em manter uma identidade hebréia, têm a preocupação de afirmar, acima de tudo, a santidade de Deus, e dar seu testemunho acerca da sua ligação com Deus (BRUEGGEMANN, 1997) sem descurar as explicações racionais para os acontecimentos e a origem das coisas. Fazem então sínteses históricas para, a partir daí, descobrirem a vontade de Deus. Ou seja, procuram descobrir o sentido profundo de tudo o que acontecera no passado. À luz da situação que lhes toca viver no presente (crise, cativo e escravidão), procuram perceber o que é que Deus espera deles e que tem, fundamentalmente, por objetivo subordinar a Deus todas as coisas e, como consequência, propor à consciência dos leitores a proeminência de Deus acima de todas as coisas conforme o testemunho do povo Hebreu (BRUEGGEMANN, 1997).

No livro de Ezequiel há diversos avisos para quem se contamina com usos de outros povos tal como, por exemplo, o descrito em Ezequiel 23, alertando para aqueles que adorarem ou mesmo sacrificarem aos ídolos pagãos um terrível destino.

O livro de Deuteronômio é um dos livros angulares no conjunto canônico da Bíblia Hebraica. Os capítulos 12 a 26 formam uma espécie de núcleo da obra. Aí encontramos o que a pesquisa convencionou chamar de “código deuteronômico”. Trata - se, provavelmente, de um livro de leis compilado e sistematizado, com base em leis diversas e de épocas distintas já que é dotado de um perfil diacrônico diferenciado (BINGEMER; YUNES, 2002), necessário em uma época de crise para organizar a vida social e religiosa de desse povo numa fase de reorganização, na segunda metade do século VII a.C.

A época de crise se perfaz não necessariamente como algo ruim, mas é a quebra de uma situação que estávamos acostumados (Exemplo: libertação dos escravos hebreus deve ter tido impacto na comunidade hebréia), gera uma crise que se tem que controlar. De um lado temos sábios judeus tentando voltar a sua terra prometida, do outro, jovens com costumes pagãos absorvidos de décadas de convívio com uma nação mais avançada (do ponto de vista tecnológico e com leis morais menos rígidas) e culturalmente mais atraente a essa juventude se faz necessário um rol de compilações de leis antigas que deve ter culminado na "repetição das leis" ou deuteronômio.

⁹ Não há provas de que tenha existido um profeta com as características de Ezequiel, é provável que seja um texto compilado para ministrar seus ideais. Seus ideais sociais eram avisar sobre os pecados de afastar da identidade e fé judaica, dar esperança ao povo, mostrar a punição de quem não seguisse os ideais religiosos de Deus. De certo modo é um aviso para se continuar judeu.

As leis do Êxodo atribuídas a Moisés também são fruto de uma necessidade de crise, de uma situação de saída do Egito onde os judeus tinham certa estabilidade apesar de escravos (BÍBLIA, 1995 - comentários bíblicos da Bíblia de Estudo pentecostal CPAD, comentários a Números 11:5). Ou as crises de valores percebidas pelos sacerdotes e escribas a que estavam sujeitos a permeações da cultura babilônica, é claro que isso gerou muitas crises sociais, para não falar das teológicas.

Essa crise para ser superada teve que ser criado um rígido código de leis com o qual culminaram na compilação dos 10 mandamentos. Algo largamente usado nos estudos jurídicos no que se refere a criação das leis é a teoria da necessidade social, a lei vem quando dada situação exige que ela seja criada pela comunidade (FERRARA, 1921) de modo nem sempre repentino ou sincrônico e sim de modo que respeite sua historicidade e o aproveitamento do arcabouço cultural de um povo (idem) tal como o judeu.

Assim a sabedoria surge, ou melhor, é positivada num momento de superação da crise. A sabedoria vem como meio de suplantar a crise e aparece como resposta a tal situação. Sabedoria nesse contexto é seguir a Lei.

Quem era o povo hebreu.

Segundo Gilissen (1986), Os Hebreus eram agricultores — pastores. Viviam do pastoreio de ovelhas, cabras, do plantio de uvas, trigo, e outros produtos. Mas havia neste povo um diferencial dos outros antigos: eram Monoteístas adoravam um único Deus patriarcal. Esta característica marca toda a história e qualquer produção cultural desse povo. A História teológica destas pessoas pode ter fonte na Bíblia, mais especificamente pelo Antigo Testamento, que reúne a Torá (ou a Lei), os Profetas e os Escritos (MICHULIN, 1960). O Novo Testamento inclui a história (e os ensinamentos) de parte dos Hebreus que acreditaram que Jesus é o Messias que o Antigo previa.

Eles acreditavam em um só Deus, que por seu desejo havia se revelara a eles através de Abraão, e, a partir deste momento, iniciou um relacionamento entre Ele e os que chamavam de Povo Escolhido. Este era seu diferencial, os únicos da face da terra com um Deus que queria uma relação com seu povo (BRUEGGEMANN, 1997). Isto será mais importante para o conceito adotado de sabedoria.

Esta relação é tão complexa que não podemos entender tal povo sem a interferência da sua crença do Deus de suas vidas. Para eles, Deus escolhe seus líderes,

Deus escolhe ou não dar prosperidade, Deus, da a vitória ou a derrota na guerra. Não é de estranhar, portanto, que a lei foi inspirada por Deus e ir contra o que está escrito seria o equivalente a ir contra Deus.

Os hebreus, a princípio, se dividiam em tribos de acordo com os números de filhos de Jacó (12); estas tribos se subdividiam em famílias e toda a organização política e social girava em torno deste *status quo*. Das doze tribos, onze cuidavam, basicamente, da agricultura e do pastoreio, a décima segunda não tinha terras, era a tribo dos levitas cabendo-lhes funções sacerdotais. (CAZELLES, 1986)

Após o êxodo, depois de certa comunidade hebréia sair do Egito, ao chegarem à região palestina, os Israelitas passaram de pastores (como eram antes, pelo seu nomadismo) a agricultores-pastores. Mas se tradicionalmente estas atividades agropastoris foram o cerne da economia desta sociedade, a indústria comercial manufatureira também conheceu certo desenvolvimento, principalmente o desenvolvimento que se conhece por idade Calcolítica ou do Cobre (AQUINO et al, 1980).

O comércio atingiu seu auge no período de pós exílico, registrado nas histórias bíblicas do reis Davi e Salomão, a qual denotam uma diferença na realidade política, e econômica de Israel (PFOH & WHITELAM, 2013), portanto melhores leis de comercio deveriam ser feitas, a partir daí o comercio passou a estar presente na vida deste povo, visto que a região que habitam é uma verdadeira encruzilhada nas rotas da Mesopotâmia, Egito, Mar Vermelho e do deserto, área de grande foco e intercruzamentos de estradas (BRIGHT, 1980).

Por volta de 1800 a.C. algum fenômeno climático fez com que os Canitas saíssem da Palestina na direção ao Egito. Relata a Bíblia e alguns estudiosos que no Egito, os Hebreus passaram a ser perseguidos no Egito, passando a pagar pesados impostos e chegando até mesmo à escravidão (PFOH & WHITELAM, 2013).

Por volta de 1200 a.C., os hebreus, já descendentes dos caanitas, saíram do Egito e voltariam à palestina, no que a bíblia descreve como êxodo, cuja narrativa esta cheia de mensagens e cronologia mítico-não histórica. Nesse episódio, os Hebreus teriam passado quarenta anos no deserto e aí teriam forjado, sob a liderança de Moisés, toda a base de sua civilização, inclusive sua cultura e sabedoria¹⁰.

¹⁰ É pouco provável que a história de êxodo tenha sido escrita conforme a bíblia relata, não é aceito pela comunidade de historiadores e científica sendo uma opinião religiosa.

A visão religiosa crê que a Torá (que positiva a sabedoria dos Hebreus) foi escrita pelo próprio Moisés revelada por Iavé e, embora esta tese esteja um tanto desacreditada pelos acadêmicos em geral, ainda denomina-se a escrita de “Mosaica”, mesmo porque, provavelmente, foi após a saída do Egito que este povo começou a estruturar as bases escritas de sua cultura.

A base moral da sabedoria Mosaica pode ser encontrada nos Dez Mandamentos, que teriam sido escritos “pessoalmente” por Deus no Monte Sinai, como forma de Aliança entre Ele e o Povo Escolhido.

A Torá, também chamada Pentateuco, é formada pelos cinco primeiros livros da Bíblia: o Gênesis, o êxodo, o Levítico, o Números e o Deuteronômio. Em toda a Torá encontramos leis; entretanto, há no último livro uma reunião maior de leis, repetindo inclusive alguns preceitos vistos nos outros livros, mesmo porque é esta a intenção do Deuteronômio, que significa “segunda lei”.

Não podemos nos esquecer que esse povo tinham uma relação diferenciada de constante aliança e parceria com sua divindade em uma relação religiosa sem par na história das religiões (BRUEGGEMANN, 1997) .

A sabedoria e religião.

A religião não é somente uma das características dos israelitas, mas pode ser indicada a característica social que dá alicerce toda uma sociedade, inclusive Durkheim afirmou que a religião era a “ossatura” de uma sociedade (DURKHEIM, 1989).

Toda vez que problemas sociais, econômicos e políticos aconteceram esse povo relacionava a alguma causa religiosa. Eles, obviamente, explicavam tais “coincidências” como uma vingança ou desaprovação de Jeová; usavam também a característica vingativa de Jeová ou a manipulavam quem desobedecesse às leis divinas.

Embora a tradição indicasse Moisés como autor do Pentateuco, a maioria indica como uma obra posterior, sec. V a.C. foi primordial para a formação de uma legislação mosaica. Em 586 a.C., Nabucodonosor, na grande expansão de seu reino (MEDEIROS, 1991) conquistou a palestina e a elite social e religiosa da nação foi levada para a Babilônia, como escravos¹¹.

¹¹ Era uma tática comum dos antigos grandes reino conquistar os filhos das elites mostrando-lhes a riquezas de sua cultura ou corrompendo -os pelo luxo e pela luxúria, quando voltavam aos seus reinos queriam transformá-lo numa colônia do reino conquistador (ROBERTS, 1995)

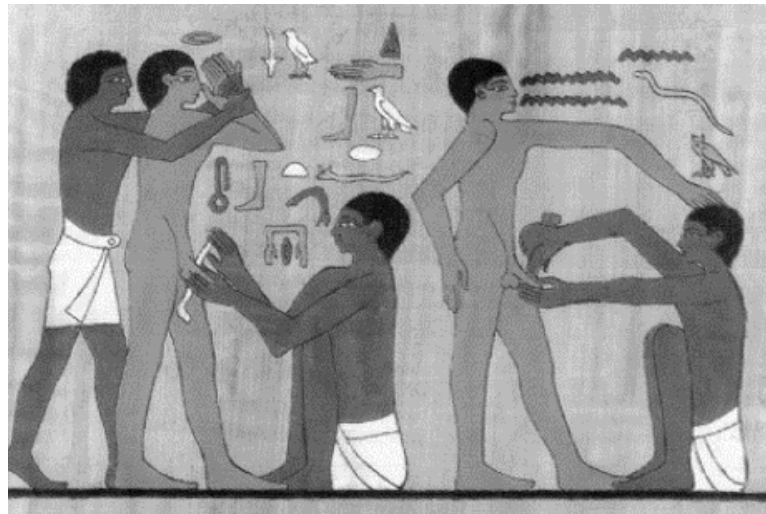
O Exílio deu azo à formação de um corpus cultural hebraico novo, visto que o contato com diversas culturas diferentes que freqüentavam o comércio babilônico (persas, gregos e romanos) fez com que os hebreus fossem influenciados na eu- ser-estar cultural e suas produções literárias míticas, deve ter tido um impacto muito grande nessa cultura (DE PURY, 2002). Este processo, iniciado na Babilônia, somente iria terminar 900 anos mais tarde (SKA, 2012).

Pequeno e com pouca produção agrícola devido ao seu pouco terreno fértil, Israel sempre dependeu dos povos circunvizinhos para estabelecer seu conhecido e milenar modo de produção comercial. Inclusive o Egito e Mesopotâmia conhecidos berços da civilização ocidental. Esse contato, em que pese certo sentimento xenófobo israelita, esse povo não ficou imune ao contato com esses diversos povos com suas culturas avançadíssimas e que pode ter proporcionado sua sabedoria (STEINSALTZ, 1976).

Por exemplo, hoje há certas provas arqueológicas de que de fato os povos semitas estiveram no Egito como escravos, talvez não tantos quanto a narrativa descrita em Genesis e Êxodo querem descrever ao engrandecer e heroicizar a figura de Moisés e do povo ancestral, porém estiveram, lá e provavelmente beberam na fonte da sabedoria desse povo. A prova de que estiveram lá é dada pela obra de Eberhard Zangger (2005), especialista em cultura clássica e um dos decifreadores da correspondência mesopotâmica-egípcia, que em escavações mostrou que haviam povos semitas, camitas e palestinos no Egito.

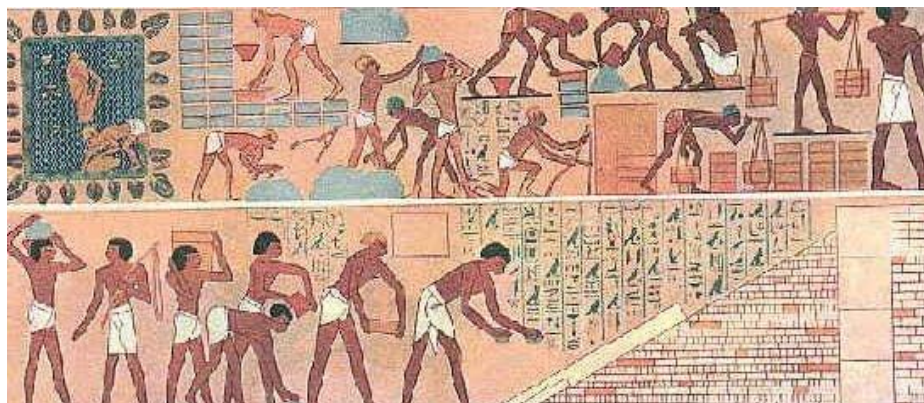
As imagens abaixo foram publicadas na revista *Ancient Egypt Magazine* número 32 por Rachael Thyrza Sparks orientada de Zangger, outra prova está no recente artigo da National Geographic de outubro de 2013, edição americana, na reportagem de Rick Gore.

Cena de Circuncisão da tumba de Ankn-mahor VI dinastia (2323-2150 a.C.)



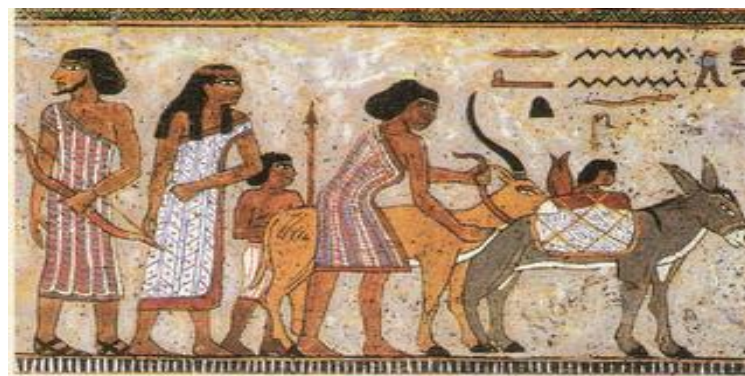
SPARKS,2002, anexo 1.

Papiros de povos provavelmente semitas sendo escravos no antigo Egito. Mural escavado em Tell Edfu.



SPARKS,2002, anexo 13.

Papiros descrevendo “povos de Mar” domesticando o divino antílope e trazendo jumentos. Papiro achado no templo de Hatshepsut.



SPARKS,2002, anexo 14.

Outra prova arqueológica é apontada em HARRISON R. K. (2005), que aponta a descoberta dos mesmos padrões de ferramentas de carpintaria no antigo Egito e também na região da palestina.

De qualquer maneira houve um contato cultural profundo onde esse povo esteve, sobretudo no Egito e Mesopotâmia e que perfaz sua identidade sapiencial. Suas obras, leis, costumes e sabedoria serão afetados por esses povos onde passaram.

O espraiamento da sabedoria.

Segundo Lindez (1999) é possível ver em varias partes do antigo uma forte influencia da sabedoria Egípcia, Mesopotâmica e mais tarde no exílio Babilônica. Aponta ele algumas sérias semelhanças de textos anteriores à compilação bíblica tais como: a influência da literatura sapiencial do Egito, como as máximas de *Ptah-hotep*, os ensinamentos de *Merika-ré*, de *Amenemopet*, e as instruções de Ank-sesonqy, influenciando os livros dos provérbios; as instruções de *Duaf-Jeti* e de *Ani* influenciado a Siracida.

A literatura sapiencial da mesopotâmia influenciou também os escritos do antigo testamento, tal como o poema do Justo que sofre, um canto de louvor a *Marduc*, é muito parecido com a narrativa de Jó, a teodicéia Babilônica influencia o livro de Jó e o Genesis nas narrativas sobre os filhos de Noé (sobre a maldição de ver o pai nu), e a celebre *Epopéia de Gilgamesh que narra o dilúvio também influenciando o livro de Genesis na narrativa de Noé. As sentenças de Aicar da babilônia tem forte influencia também em Provérbios.*

Há também uma forte influencia de mitos sumérios que alertam a sabedoria de não querer se igualar aos Deuses como no caso da história da torre de Babel, Kramer (1968) chama atenção para uma história parecida à da Torre de Babel na Mitologia suméria chamada Enmerkar e o Senhor de Aratta, na qual Enmerkar de Uruk constrói uma torre de guerra em Eridu e os deuses Enki e Enlil acabam por confundir as línguas de toda a humanidade como efeito da sua ousadia. No mesmo conto está também a historia de um caçador herege aos deuses chamado Ninrod, nesse conto lhe é apresentado como filho de Enmerkar porém, outras traduções apresentar como sendo o próprio Enmerkar (YAMAUCHI, 1965).

Lindez (op. Cit) chama atenção para o intercambio de sábios e culturas, ato praticado comumente, provavelmente estimulado pelo comércio (PFOH; WHITELAM;

2013) praticado no mediterrâneo influenciou com certeza essa formação cultural. Bom lembrar que há certa xenofobia judaica, porém nunca foram proibidos de comerciar, aprender ou mesmo nunca trataram mal os estrangeiros seguindo as orientações de Moisés (GERSTENBERGER, 2012).

Há fortes indícios de uma influencia pós exílica da cultura babilônica Assim como era desenvolvidas as leis comerciais as do povo hebreu também se tornaram desenvolvidas como, por exemplo, descritas em Ex 22:9-15, há indícios de semelhança entre estes versículos e o código de Hammurabi o que pode denotar uma influencia cultural pós- exílica.

Há de se contar também da epítome de Deus ao propor que o único Deus Javé como verdadeiro enquanto colocava todos os outros deuses do entorno como falsos deuses ou demônios. Os deuses sumérios, fenícios e Acádios, Astarth e Asterotthi, bem como os babilônicos Baal-Phegor, BaalBerith, Baal-zebub (mudados para Belial ou Baal) foram demonizados e transcritos para o antigo testamento.

- Juízes 2:13 (o povo de Israel serviram Baal e Asteroth)
- Juízes 6:25 (Deus manda destruir o Altar de Baal)
- Números 22:41 (Os Hebreus tinha Altares a Baal)
- 1 Reis 16:31 (Jeroboão adora Baal)
- 1 Reis 18:19 (Desafio entre Yahweh, Baal e Asteroth)
- 1 Reis 22:54 (Acazias adora Baal)
- 2 Reis 10:19-28 (Jeú arma uma cilada aos sacerdotes de Baal)
- 2 Reis 11:18 (Destruição do Templo de Baal)
- 2 Reis 17:16 (Novamente adoração a Baal)
- 2 Reis 23:05 (Referência aos adoradores de Baal, da Lua, do Sol e de outros astros.)
- 2 Crônicas 23:17 (A morte de Matã o sacerdote de Baal)
- Jeremias 2:8 (O profeta questiona o poder dos sacerdotes de Baal e outros deuses)
- Jeremias 7:9 (Adoração a Baal entre pecados como o furto e o assassínio)
- Jeremias 12:16 (Juras por Baal)
- Jeremias 19:05 (Sacrifícios de crianças a Baal)
- Jeremias 23:13 (Samaritanos loucos profetas de Baal)
- Jeremias 32:29 (Os caldeus adoraram Baal)
- Oseias 13:1 (Efraim morre por ser culpado por Baal)

Definição de sabedoria.

A sabedoria antiga, segundo Lindez (op.cit) constitui em um sistema de valores em uma compreensão total do mundo e do cosmo, em uma referencia de relações do homem com o divino e sua pratica sobre o mundo. É bem diferente da pratica de sabedoria colocada com o advento do Helenismo. A cultura essencialmente grega, em especial influenciada pelos expoentes do circulo antropológico, com um papel importante de Aristóteles como difusor cultural de Alexandre o grande, e se torna dominante nas três grandes esferas atingidas pelo **Helenismo**, a Macedônia, a Síria e o Egito (CHEVITARESE, 2000).

Mais tarde, com a expansão de Roma, cada um desses reinos será absorvido pela nova potência romana, dando espaço ao que historicamente se demarca como o final da Antiguidade (BORGEM, 1992). Antes disso, porém, os próprios romanos, forma paradoxalmente militarmente vitoriosos, porém, culturalmente dominados pelos gregos, submetidos ao Helenismo, daí a cultura grega ser depois perpetuada pelo Império Romano.

A sabedoria helenística não teria relação com o divino, para ela o homem era o centro do universo, agora os deuses estavam na terra na forma do *hegemon*, Alexandre, o homem era o sábio e tomara lugar dos deuses. A sabedoria helenística era considerada o conhecimento acumulado de ciências em uma Paidéia, ou progressão do espírito humano, o humano e seu conhecimento é o sábio, não é um dom divino.

Há um problema grave para a sabedoria antiga, dentre a qual a judaica referente ao helenismo: Ele dá certo e resultado rápido. O helenismo desenvolveu o progresso humano, destacando seu *Polibius*; o desenvolvimento da matemática e da física, campos nos quais surgem Euclides e Arquimedes; astronomia, da medicina, da geografia e da gramática. Tais conhecimentos tem reflexos rápidos nas engenharias e técnicas, desenvolve-se grandes castelos, maquinas de guerra, navios nunca dantes vistos possibilitados pelos estudos geométricos, grandes plantações com conhecimento da astronomia, uma verdadeira era de fartura para a sociedade.

Rapidamente os sábios perceberam que essa sabedoria era uma afronta a Javé, e propagaram em seus livros de sabedoria (Eclesiastes, Provérbios, Siracida dentre outros tais como em alguns salmos), que a sabedoria seria o temor do Senhor Iavé.

O resumo da sabedoria helênica é que o homem, e não os deuses são a fonte de vida e sabedoria e tal fato era inadmissível para o sábio de Israel. Colocar o homem como fonte de sabedoria era uma afronta a todos os valores que se constituiu uma sociedade patriarcal que se sentia como povo escolhido de Deus.

Sabedoria bíblica.

Para a herança judaico-cristã, a sabedoria é diferente, ela é de algum modo vinda de Deus. A sabedoria no antigo testamento era o temor a Deus, (Ref: Pv. 1:7, 9:10 e 16:6; Sl 25:12 e 111.10; Jó 28.28), e também o cumprimento da Lei de Moisés (Eclesiástico 19: 18-21). Como descendentes da sabedoria mesopotâmica, que também gerou a grega, tem algo em comum e algo de diferente. Enquanto ação a sabedoria é a mesma coisa para todos, Gregos, helênicos, Judeus¹²: Sabedoria é um agir no mundo levado por uma crença de se estar fazendo o bem; é uma práxis, um agir sobre o mundo segundo valores aprendidos e direcionados para o bem comum social. Seria o discernimento que permite tomar o melhor caminho a seguir. Segundo Horne (2005) o sábio é o que escolhe viver pelo caminho do respeito a Deus testemunhado conscientemente ou não de que este é o fator primordial da realização humana.

Porém isso é perpassado por uma crença, ou seja, cairá no problema do relativismo do que é bem para uns pode não ser para outro. Assim cairá nas diferenças de sabedoria que não está na ação e sim nas fontes: enquanto a fonte de sabedoria para o Hebreu é Jeová ou as escrituras atribuídas divinamente, já para o grego - helênico, a sabedoria é humana ou o espírito humano em ascensão, possivelmente envolvido em uma ética para o bem viver, porém de fonte humana e não divina.

Ai está a diferença entre as duas não diferem enquanto modo – ambas são agir no mundo – porém diferem quanto as fontes, uma é humana, outra, divina.

Assim a sabedoria do hebreu é seguir a palavra de Deus, e sem entrar no mérito histórico¹³ de como isso se deu, passa isso para o cristão. Para o cristão também é seguir o livro sagrado, mas com ênfase ao amor ao próximo, além de amar a Deus, deve-se amar ao próximo. Não se fará aqui nesse trabalho, um comparativo a sabedoria do amor, pois tal tarefa seria trabalho para uma vida toda. O Amor é o cumprimento de toda a lei,

¹² As vezes me referirei como hebreu, judeu, não cairei aqui na problemática das origens dos povos já descrita anteriormente, que envolvem ser descendentes dos povos de Canaã, sem nenhum preconceito pois não os tenho me refiro aqui aos povos de língua hebraica ou que são crentes na Torah ainda que não sigam corretamente. Os que estão unidos pela dispora de Israel.

¹³ Tal tarefa exigiria uma dissertação doutorado ou mais de uma

segundo Paulo, e ainda segundo o autor de Colossenses diz que em Deus e Cristo está toda a sabedoria “Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo, Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. Colossenses 2:2-3”.

Ainda para Paulo, na carta aos Coríntios faz divisão entre a sabedoria da terra (filosofia grega) e a sabedoria dos seguidores de Cristo ou de Deus como descrito em 1 Coríntios 1:19-25¹⁴, ou na mesma carta no cap. 2:4-7 ou ainda 3:18-21. O autor de Tiago também faz menção e separação entre a sabedoria de Deus e a do homem, sendo a “do alto” pura e imaculada e a do homem corrupta, (Tiago, 3:13-17). Para o novo testamento a sabedoria vem de Deus (Lucas 21:15), e é esse o entendimento soberano para os que querem ser cristãos de um modo sem questionar através da reflexão teológica científica, de um modo puro o cristão deve seguir esse entendimento: que não há outro caminho para a sabedoria que não venha de Deus. O conhecimento humano não deve ser posto ante o de Deus.

Ocorre que a crise da modernidade que colocou a razão humana como supra-verdade retira a sabedoria divina e a coloca como um conhecimento secundário, ou como simples religião ou como exótico e mentiroso. Despertando o pior da religião, sua reação fundamentalista.

Sabedoria Grega

A sabedora Grega é totalmente diferente da sabedoria bíblica, é assim como a helênica de fonte humana, porém, talvez não seja um agir o mundo, mas um conhecer-o-mundo. Sabedoria grega se constitui em meio ao espraiamento da cultura helênica que é a denominação de um conjunto de fenômenos sociais e é também o resultado de uma série de eventos marcantes no mundo ocidental e meso oriental.

Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?

Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação.

Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria;

Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos.

Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.

Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

1 Coríntios 1:19-25

Mais do que uma focalização e um ponto fixo na história a cultura helênica é a condição humana como referencial separado da religião e se constitui como uma condição humana, é uma crença na certeza da razão e seu paradigma a racionalidade, na qual as relações sociais são mudadas. Seu ápice ideológico, a focalização dos supostos direitos foram direitos políticos, na qual o foco é o indivíduo humano e não os deuses. É o homem se colocando na situação de independência de Deus (idem).

A sabedoria helenica trouxe uma nova consciência do sentido histórico, uma nova representação da temporalidade histórica e, com ela, o mundo se fragmentou em valores distintos. Ela é o desenvolvimento do processo de progresso, revolução, utopia; a ideia de história está dominada pelos conceitos de razão, consciência, sujeito, verdade e universal. Assim está na fonte do rompimento com o mito e com a religião. Assim as éticas, práticas e crenças religiosas são não mais assume a importância que tinham.

A sabedoria do religioso.

Sem dúvida há uma ruptura na sabedoria do mundo, ela está rota e foi substituída pelo conhecimento científico, não há dúvida, toda humanidade adotou como verdade esse tipo de conhecimento, porém sempre houve quem se direcionou pelas escrituras, ou melhor, pela interpretação particular de seu grupo das escrituras.

Faz-se necessário o conceito de crença, Como diz Bain, citado por Peirce (1974), crença é “aquilo segundo o qual o homem está preparado para agir.” O próprio Peirce (idem) complementa esta ideia notando que “Estar-se deliberadamente e completamente preparado para moldar a conduta em conformidade com uma proposição, não é mais nem menos que o estado mental chamado 'acreditar nessa proposição'”, o crente judeu age no mundo conforme sua crença, é a sua única sabedoria. Se veste, age, fala, se referencia a si e ao mundo segundo sua crença.

Assim o judeu se deve a uma crença. Se há uma sabedoria nisso ela é uma reprodução da teologia de sofrimento, renúncia e auto-sacrifício do cristianismo primitivo e do antigo testamento. Seu sentimento de unidade enquanto etnia transcende a religião e se constitui no típico de uma sociedade excludente, que tem melhorado possibilita apenas uma sabedoria, já que a grande maioria não tem acesso aos bens culturais, seguem a sabedoria que acreditam ser Divina. Vivem por seguir a palavra, temor a Deus é significativo no seu cotidiano, uma vez que vivem por certo temor de ser castigados por qualquer desvio de conduta. Além disso devido as suas condições, Rolim

(1985) aponta o intenso controle social que a própria comunidade exerce sobre seus membros, porém tem mais medo de Deus do que da comunidade.

Tem seu próprio entendimento de modo difuso do que seja Deus, é um entendimento plural, difuso e liquido, mas tem um ponto comum, O Espírito guia sua vida a partir do momento que se constitui Judeu. Toda sua vida é guiada pela obediência a palavra divina, claro que transgridem tal palavra e pecam, mas procuram basear sua aplicação no mundo não mediado por uma teologia provinda da modernidade e sim por um entendimento mais subjetivo da bíblia e por uma experiência mais subjetiva e direta com o espírito.

Acreditam que sua sabedoria virá de Deus, acreditam ser capazes de obter revelações e um conhecimento diretamente vindo de Deus, tendo uma relação direta com Ele através do Espírito. Isso talvez defina sua sabedoria, acreditam não ter mediação entre Deus e o homem, pois o pastor quando prega, é segundo sua crença dirigida pelo próprio Espírito.

Vale lembrar que não há divisão entre profano e sagrado no sentido Eliadiano, não há tempo e espaço dividido entre sagrado e profano, toda sua vida é sagrada, toda sua vida é pra Deus. Seu agir no mundo é para Deus, como está jungido a Deus, não há escolha, se é de deus é bom, portanto não há juízo do valor em magoar certos direitos humanos, simplesmente o bem é a palavra sagrada, o que vai contra isso é mal e o homem que segue isso não é sábio.

Conclusão.

Concluindo o agir do mundo do judeu antigo, é o temor a Deus, é uma sabedoria guiada contra a modernidade sem ter caído no fundamentalismo violento, é de fato uma contracultura de o mundo moderno visto tentar a negação desse mundo. Vivem não para a racionalidade do pensamento filosófico grego helenico, mas para uma espiritualidade particular e única.

E uma sabedoria na contramão do que é considerado sabedoria pela cultura helênica. Resolvem e se posicionam no mundo com o que entendem ser o bem ou obediência a palavra de Deus.

É claro que é irreal, pois infelizmente é atravessado por interesses sempre escusos de exploração devido a falta infeliz de paz e sempre guiado por interesses econômicos e políticos que justificados pela religiosidade os torna perigosos quando

confrontados em suas crenças. Mas mostra que mesmo no mundo moderno há uma outra forma de viver e se relacionar no mundo, através de uma antiga sabedoria judaica de viver sob o Temor do Senhor Deus. Lembro que para eles o Temor não é o terror, mas sim reverência e respeito a sua palavra, vivem por essa ética. Tal prática se manifesta, em tese, por viver em honestidade, não proferir palavras torpes, perdoar, evitar o pecado, e principalmente e que difere de todas as outras religiões na crença que isso vem do Espírito e não de uma transformação ética de esforço próprio.

Assim, essa ética deveria ser perene voltada para a paz e não para a guerra, porém quando unidas aos interesses mesquinhos infelizmente traz conflitos terríveis, a qual deveria parar. Voltar aos seus fundamentos, sem fundamentalismos. A resposta para esse problema talvez esteja na proposta de um novo fundamentalismo, digamos um fundamentalismo esclarecido (se é que isso é possível), um que proponha como fundamentos de sua religiosidade as ideias que não produzam vítimas (CERTEAU, 1998), onde o fundamento das configurações cristãs seja a o amor ao próximo; das judaicas, o relacionamento com Yavhé e da sua benignidade, das mulçumanas do caminho da submissão e da bondade. Ou seja, que seus fundamentos sejam os condizentes com as conquistas de direitos humanos conseguidas a muito custo pelo Estado democrático, e da promoção de um Estado Laico que garanta o respeito às culturas e a liberdade religiosa e que apesar de conflitantes nasceu justamente com as sabedorias helênicas. Deveriam essas duas fontes de sabedoria se complementar e aprender uma com a outra e não excluir. Assim caminharíamos para um princípio ideológico de paz e não de guerra, termino com uma frase da sabedoria hebraica que deveria obedecer ao seu Deus nesse verso: *Porque eu bem sei os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais." Jeremias 29:11.*

Referências

AQUINO, Rubim Santos Leão; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. (1980) **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico.

ANTONIAZZI, Alberto et alii. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

BORGEN, P. “**Philo and the Jews in Alexandria**”, in: BILDE, P. et alii. *Ethnicity in Hellenistic Egypt*. Aarhus: Aarhus University Press, 122-138. 1992

CAZELLES, Henri. **História Política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno**. Tradução de Cássio Gomes. São Paulo: Paulinas. 1986.

CHEVITARESE, André L. Interações Culturais entre Gregos e Judeus nos períodos Arcaico, Clássico e Helenístico, in: CHEVITARESE, André L., ARGÔLO, Paula F. & RIBEIRO, Raphaela S. (orgs.) **Sociedade e Religião na Antigüidade Oriental**. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros / SENAI, 112-29. 2000

COUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru SP: EDUSC, 1999

DILMAN, Ilham. **Freewill: an historical and philosophical introduction**. Florence, KY, USA: Routledge, 1999.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

FONTANA, Josep. **Introdução ao estudo da história geral**. Bauru: Edusc, 2000.

GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERSTENBERGER, E. S. (2012), *teologias do antigo testamento*, Ed.Sinodal.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética da cultura**. Trad. Luis Fernando Cardoso e outros, 2. ed. Rio de Janeiro: 1979.

GORE, Rick; **Ancient Ashkelon**, National Geographic october, 2013 acesso em 24/out/2013 disponível em: http://ngm.nationalgeographic.com/features/world/asia/israel/ashkelon-text/1?rptregcta=reg_free_np&rptregcampaign=20131016_rw_membership_nlp_intl_se_w# Published by Oxbow Books Publicado em jul/2002

GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias**. São Paulo: Teológica-Loyola, 2005

GUTHRIE, W. K. C. **A History of Greek Philosophy. IV, Plato: The Man and His Dialogues** : EarlierPeriod. [S.l.]: Cambridge University Press, 1975

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 4. ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000,

HARRISON R. K. , **Old testament times**, Baker books, MI-USA, 2005

HERRICK, Cheesman A. **History of Commerce and Industry**, Macmillan publisher, Chesapeake – MU. 1966

HORNE, Milton P. *Proverbs-Ecclesiastes*. Macon, Georgia: Smyth & Helwys Publishing, 2003.

HUYSSSEN, A. (1986). **After the great divide, Modernism, mass culture and postmodernism**. Bloomington: Indiana University Press.

JOHNSON, Paul. **Historia do Cristianismo**, Ed. imago, 2001.

KRAMER, S.N. The “**Babel of Tongues**”: A Sumerian Version. *Journal of the American Oriental Society* 88: 109, 1968.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 13. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEHNER, Mark, *The Complete Pyramids*. New York: Thames and Hudson publishers, 1997.

LINDEZ, J. V. **Sabedoria e Sábios em Israel**. Edições Loyola, SP-SP, 1999.

MCLEISH. **Aristoteles**. UNESP, SP-SP 2000

MICHULIN A. V. **História da Antiguidade**. São Paulo: editora: Clb, 1960

MIGUEZ, néstor; RIEGER, joerg; JUNG, sung, . **Para além do espírito do império: novas perspectivas na política e religião**. São Paulo: Paulinas, 2012

MONDIN, B. (1980) **O homem, quem é ele? Elementos de antropologia Filosófica**. São Paulo: Paulus,.

MORIN, Edgar. **O Método 4: As idéias, habitat, vida, costumes, organização**. Sulina, 2002

MONOD, Jacques. 1971. **Chance and Necessity. An Essay on the Natural Philosophy of Modern Biology**. New York: Alfred A. Knopf.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: Textos e Testemunhas**. São Paulo: UNESP, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders, **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Charles Hartshorne e Paul Weiss ed., Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1974.

PLATÃO, **Timeu**, Série diálogos de Platão, nº 3, EDIPRO, Bauru - SP, 2006

PUTNAM, H. **Language, Mind and Knowledge**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1975.

ROLIM. F.C. **Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre:RS. L&PM. 2012

SPARKS, Rachael Thyrsa *Canaan in Egypt: archaeological evidence for a social phenomenon. Invention and Innovation. The Social Context of Technological Change 2: Egypt, the Aegean and the Near East, 1650-1150 BC. Referencia em <http://www.ancientegyptmagazine.co.uk/reviews32.htm>, acesso em out/2013. edited by Janine Bourriau and Jacke Phillips.*

WELLHAUSEN, Julius, **Prolegomena To The History Of Israel**, Kessinger Publishing, 2004, NY-US.

WESTHELE, Vítor. In: Teologia sob limite. São Paulo, ASTE, 1992, artigo: Teologia e Pós-modernidade, pp. 143-166, organizador Jaci Maraschin.

WOLFF, Francis. **Socrate**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

YAMAUCHI, Edwin M., **Tammuz and the Bible**, *Journal of Biblical Literature* 84.3 (September 1965:283-290)

ZANGGER, Eberhard, **Who Were the Sea People?** Saudi Aramco World review. pp. 20-31 May/June 1995